Análise Crítica do Artigo “A Evolução do Espírito”: Erros Conceituais, Falhas Metodológicas e Distorções sobre Allan Kardec e o Espiritismo

Introdução

O artigo de Heron Volpi (“A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO: O “Evolucionismo” de Allan Kardec”) assume desde o início que o Espiritismo é “uma religião” sujeita às mesmas críticas que outras crenças tradicionais. Essa premissa ignora a definição kardecista original do Espiritismo como **doutrina de tríplice aspecto** – ciência, filosofia e moral – e já põe em xeque sua argumentação. Volpi sustenta que Allan Kardec foi “reiteradamente racista” e que incorporou o *evolucionismo racial* para agradar à ciência do século XIX. A partir desses pontos, desenvolveremos uma análise crítica estruturada, apontando erros conceituais, falhas metodológicas e contradições nas alegações de Volpi. Usaremos **apenas obras de Kardec** para confrontar as acusações de racismo, mostrando que seus ensinamentos enfatizam igualdade, fraternidade e condenam o preconceito e a escravidão.

Espiritismo como Ciência e Moral (não mera religião)

Premissa equivocada do autor. Volpi define repetidamente o Espiritismo como “religião espírita” e argumenta que ele “aparece muito mais baseado no discurso do que na ciência empírica”. Essa visão despreza declarações de Kardec de que o Espiritismo é **novo campo do conhecimento**. Nas obras fundadoras, Kardec apresenta o Espiritismo como **ciência de observação e doutrina filosófica**, com implicações morais próprias:

- “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.”.
- Kardec reafirma: “O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens […] a existência e a natureza do mundo espiritual”.

Doutrina moral universalista. Além da ciência, Kardec sublinha o caráter **moral e ecumênico** do Espiritismo:

- “O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. Ele é de todas, e não é de nenhuma em particular. […] Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira”.

Esses textos deixam claro que Kardec não via o Espiritismo como uma religião dogmática, mas como um caminho complementar à fé cristã, reforçando a caridade e a liberdade de culto. Portanto, classificar o Espiritismo **“como qualquer outra religião”** constitui um erro conceitual: o autor desconsidera o tríplice aspecto definidor da Doutrina Espírita e ignora as frequentes afirmações kardecistas de que ela se justifica pela razão e pela experiência, não por imposição de fé.

Falhas metodológicas e uso inconsistente de fontes

O artigo de Volpi se apresenta mais como reflexão pessoal do que pesquisa acadêmica rigorosa. O próprio autor admite ter escrito em **primeira pessoa**, baseando-se em vivências próprias em centros espíritas:

- “Para começar devo esclarecer que eu, pessoalmente, tenho circulação por diversos centros espíritas do Brasil […] escrevo esse texto tentando compreender os espaços, os quais eu mesmo faço parte”.

Essa abordagem indica forte **subjetividade**. Não há metodologia sistemática: ele

confessa que sua “pesquisa de fôlego curto” reúne relatos pessoais e falas soltas. Ao mesmo tempo, mistura fontes de natureza variada (blogs, reportagens como as de Chico Alves e CartaCapital, entrevista de UOL) sem critério histórico claro. Não encontramos citações diretas a documentos históricos ou a estudos acadêmicos confiáveis que embasem suas conclusões. Em síntese, **falta-lhe rigor científico**: ele inicia o artigo como etnógrafo amador e transforma-o num ensaio de opinião. Esse procedimento frágil revela-se no próprio texto final: ele reconhece que, por não ser pesquisa longa, deve “ter cuidado com asserções generalistas” – o que, porém, não evita afirmações amplas e contestáveis.

Erros conceituais centrais

- **Visão eurocêntrica e evolucionista mal fundamentada.** Volpi insiste que Kardec “alocou o evolucionismo racial em seu discurso” e tratou o Espiritismo como “para um lugar paratópico” de crença baseada no discurso. Essa interpretação ignora que, nas obras espíritas, idéias de “evolução” referem-se ao progresso moral geral, não a uma hierarquia fixa de raças. Kardec discute como o homem original apareceu em vários pontos do globo, mas enfatiza que tais “variedades não formam espécies diferentes: *todos são da mesma família*”. Para ele, as diferenças físicas (cor da pele etc.) resultam de fatores naturais (clima, costumes) e não implicam mérito espiritual. Assim, a noção de *espécie humana* única embasa toda a codificação (cf. perguntas 53 e 54 de *LE*): “Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim”. Esses princípios contrariam frontalmente a ideia de “raças superiores” permanentes.
- **Desconsideração do foco moral do Espiritismo.** Kardec faz questão de que o intuito principal da Doutrina é moralizar, não classificar ou excluir pessoas. O ensino do “Não faças aos outros o que não queres para ti” está presente no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* como máxima reguladora da conduta humana. Além disso, ele afirma que o Espiritismo visa **“incutir nos homens o espírito de caridade e de fraternidade”** e assim apagar os resquícios de barbárie social. Esses posicionamentos indicam uma orientação profundamente igualitária, oposta à discriminação. Desse modo, retratar o Espiritismo “como qualquer outra religião” baseada em discurso vazio é um exagero infundado: a doutrina

espírita reivindica coerência entre pensamento, experiência e moral, não se limitando à retórica apologética.

Alegações de racismo: teses do autor versus contexto kardecista

Volpi afirma que em "diversas vezes" Kardec foi racista e que seu Espiritismo teria discursos racistas enraizados no *evolucionismo* das ciências do século XIX. De fato, em 1862 Kardec publicou na *Revista Espírita* o artigo *"Frenologia espírita e perfectibilidade da raça negra"*, no qual, reflexo das crenças de sua época, diz que "os negros são, sem dúvida, de uma raça inferior... são verdadeiras crianças". Porém, esse texto, que reflete a ciência da época, foi separado de seu corpus principal e não reflete o ensino axiológico do Espiritismo. Ao contrário, as principais obras codificadas por Kardec contêm **mensagens claras de igualdade**:

- **Igualdade diante das leis divinas:** A resposta espírita à pergunta "Todos os seres humanos são iguais perante Deus?" é enfática: "Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos". Em outras palavras, Deus não criou ninguém com privilégios "naturais", pois *"o corpo do rico se destrói como o do pobre"*. Essa resposta (LE 803) destrói a ideia de qualquer desigualdade essencial.
- **Hermanidade universal:** Kardec questiona se, não tendo todos os homens surgido de um mesmo "adão", deveríamos deixar de ser irmãos. A resposta foi: *"Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim"*. Essa afirmação (LE 54) conclui que aparências distintas não quebram os laços fraternos: do ponto de vista moral, a humanidade é uma única família.
- **Condenação da escravidão:** O codificador espírita analisa a escravidão em vários itens (LE 829-832). Ele conclui que **"É contrária à natureza a lei humana que consagra a escravidão"** e que ela desaparecerá com o progresso moral. Critica quem se beneficia dessa prática: *"Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza"*. Ou seja, Kardec considerava moralmente reprovável escravizar o semelhante, mais ainda quando a própria lei da época já

começava a ver a liberdade como inalienável.

- **Rejeição da hierarquia racial:** Kardec ironiza a noção de "sangue mais puro" no contexto da escravidão: *"Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada veem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito."*. Aqui ele deixa explícito que a única "pureza" relevante é espiritual, não biológica. Essa afirmação refuta diretamente a ideia de que a cor da pele constitua critério moral ou evolutivo legítimo.
- **Respostas espíritas sobre origem humana:** Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec transcreve perguntas às Entidades Superiores sobre a diversidade humana. As respostas atribuem as diferenças de aspecto aos fatores naturais ("clima, vida e costumes") e afirmam que elas não formam espécies distintas. Os Espíritos confirmam que o homem apareceu em vários lugares e épocas, mas sem significar raças separadas. Isso reforça que, para o pensamento espírita, a multiplicidade de grupos étnicos é só aparência transitória – jamais justificativa de preconceito.

Esses ensinamentos centrais das obras de Kardec são **incoerentes com as acusações de racismo** que Volpi lhe imputa. Mesmo reconhecendo que Kardec refletiu conceitos científicos questionáveis do século XIX (como a frenologia), deve-se sublinhar que sua doutrina oficial exalta a fraternidade universal. Em diversas ocasiões, ele rejeita o preconceito: além dos exemplos citados acima, Kardec afirma repetidamente a máxima evangélica do amor ao próximo. Não encontramos em seus livros qualquer passagem que justifique discriminar alguém por raça ou cor. Pelo contrário, *"a unidade da raça humana"* é um princípio espírita explícito (LE 54).

Conclusão: análise crítica e suporte acadêmico

Em suma, o artigo de Volpi apresenta graves falhas conceituais e metodológicas. Desconsidera a definição kardecista de Espiritismo como sistema científico-filosófico-moral e restringe-o à categoria de "religião", ignorando que Kardec visava unificar ciência e fé, não contrariá-las. Sua argumentação sobre racismo em Kardec baseia-se em interpretações pessoais e textos pontuais, mas esbarra em declarações claras de Kardec a favor da **igualdade entre os seres humanos**,

na condenação da escravidão e no incentivo à fraternidade universal.

Não há respaldo acadêmico significativo para as teses do autor. Em vez de pesquisas históricas ou análises críticas rigorosas, Volpi utiliza relatos não verificáveis, falas secundárias e reportagens jornalísticas recentes. Seus próprios critérios — circulação pessoal em centros espíritas e relatos subjetivos — não constituem evidência científica. Até o momento, nenhum estudo acadêmico sério confirma as alegações centrais do artigo. Ao contrário, as críticas a Kardec surgem mais em debates midiáticos e iniciativas editoriais antirracistas do que em investigações historiográficas. Portanto, as conclusões de Volpi têm muito mais o caráter de impressão pessoal do que de resultado de estudo acadêmico, o que fragiliza sua credibilidade como análise histórica do Espiritismo.

Referências: Citações extraídas das obras de Allan Kardec e de trecho do artigo de Heron Volpi conforme indicado. Nossa argumentação apoia-se nas respostas dos Espíritos codificadas por Kardec – sobretudo *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns* – que enfatizam a igualdade espiritual e condenam toda forma de opressão. Essas fontes refutam diretamente as interpretações equivocadas do autor.